

ADESÃO NECESSÁRIA

Congresso dos Escritores e Jornalistas Portugueses e Brasileiros

RAMOS DE ALMEIDA, logo secundado por João de Barros, deu a público uma ideia a todos os títulos grandiosa: a ideia de um Congresso de Escritores e Jornalistas Brasileiros e Portugueses. Destes dois homens de letras, sobejamente provados e conhecidos, nada temos a dizer: do seu talento, da sua envergadura, do seu conhecimento de causa; da ideia que acarinham e à qual se mostram dispostos a defender e a alimentar com o melhor do seu entusiasmo, dessa, tão promissora ela é de rendimento para ambos os países, diremos que é urgente dar-lhe corpo, estudar-lhe as vias de realização e... realizá-la. Ramos de Almeida e João de Barros são duas garantias com raízes fortes na vida intelectual portuguesa, bom núcleo de irradiação numa empresa desta ordem; não-de necessitar de uma «rede» e eles encontrarão, certamente, nos escritores e jornalistas brasileiros e portugueses o material necessário — as adesões entusiastas e esclarecidas, o organizar em comissões e sub-comissões que generalizarão a participação no congresso.

Muito haverá, então, a fazer: Portugal e Brasil, falando a mesma língua, tendo, nela, um valioso instrumento de permuta cultural, encontrarão no Congresso uma boa oportunidade para, pensadamente, sensatamente, com espírito prático e sinceridade, longe de improvisar falares e academismos pretensiosos, encarar um dos sectores dos problemas fundamentais dum país: o cultural. Assunto não falta — como não faltará quem saiba e queira tratá-lo; variadíssimas serão as teses: protecção oficial aos escritores e jornalistas, barateamento das edições em língua portuguesa a fim de torná-las acessíveis ao grande público, estatuto profissional dos homens de letras, fundação duma Associação dos Escritores Portugueses; criação duma editorial capitalizada pelos governos português e brasileiro, dirigida por escritores e jornalistas de ambos os países. Esta editorial poderia, como primeiro sinal de existência, proceder à publicação das teses apresentadas ao Congresso; a criação duma revista de cultura luso-brasileira dirigida às massas da população de ambos os países, paralelamente à de uma «biblioteca» de cultura geral, destinada à formação do homem comum, tantas vezes absorvido, na nossa época, pelo profissional, poderão ser alguns dos frutos colhidos no Congresso.

Escritores e jornalistas reunidos podem, sem dúvida, constituir-se num bom vínculo para a conquista do caminho que nos levará ao fortalecimento desse homem comum, único apoio sólido daquele outro que a complexidade das sociedades fez surgir, e as actuais tornaram, em muitos aspectos, anquilosante, dissolvente, regressivo — o homem profissional. E talvez mesmo porque escritores e jornalistas são, de todos os «ramos», aqueles que funcionam num âmbito menos definido, menos delimitado, especializado, talvez eles reünam em si as condições humanas necessárias a um congresso da natureza do que vimos aplaudindo.

Resta-nos desejar que o Congresso dos Escritores e Jornalistas Brasileiros e Portugueses oriente os seus trabalhos no sentido daquele humanismo, com os olhos e o coração assentes nos povos de Portugal e Brasil! E, já que a ideia surgiu deste lado do Atlântico, que ele se realize em Lisboa e, se for possível e a sua boa preparação com isso nada sofrer, venha a ser uma realidade nos primeiros meses de 1954!

N. R.

OS ESCRITORES PORTUGUESES



Castro Soromenho

afirma:

Considero feliz o escritor português que vende no Brasil, regularmente, 100 exemplares de cada um dos seus livros.

QUODE afirmar-se que o povo brasileiro desconhece os escritores portugueses depois de Eça de Queiroz, e que no meio intelectual poucos são conhecidos. O caso de Ferreira de Castro não pode ser tomado como exemplo, porque o livro que lhe deu audiência no Brasil foi a *SELVA*, esse notável romance que tanto pertence a Portugal como ao Brasil!

A vários intelectuais brasileiros ouvi dizer que não liam os nossos actuais romances porque os seus autores não estavam, por circunstâncias alheias à sua vontade, em condições de produzirem obras que pudessem interessá-los.

Considero feliz o escritor português que venda no Brasil, regularmente, 100 exemplares de cada um dos seus livros. Dito isto, passo a palavra aos editores. A esses, sim, interessa sobremaneira o mercado do Brasil para colocar bons livros traduzidos em Portugal, um pouco de cada autor, mas muitos na totalidade. É negócio seguro. Dos escritores portugueses, alguns para não destoar...

Ainda está por aparecer o editor que meta ombros à tarefa de lançar no Brasil o escritor português. Mas primeiro não seria desastrosado que ele começasse por lançar em Portugal o escritor português.

Entre nós, a maior parte das vezes, são os bons escritores estrangeiros que lançam os editores... Um movimento ao contrário, na habitual marcha de caranguejo da nossa vida editorial.

Mas como vivemos numa época em que é preciso ter esperança, porque só de esperança nos alimentamos, esperamos... mesmo sem esperança à vista!

COMPRE HOJE MESMO

O CORTE SEM MESTRE

o melhor livro de corte, que ensina realmente a cortar. Com ele aprenderá sozinho a fazer

Vestidos, casacos, saias, blusas, shorts, roupa interior de senhora e de homem, roupa de criança, cintos, pijamas e o enxoval do recém-nascido.

2 VOLUMES

o livro mais completo para a actividade prática de mulher esportada nestes últimos tempos.

Centenas de gravuras para elucidação do texto

Pedidos a:

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73-75
LISBOA

AGÊNCIA PORT. DE REVISTAS
Rua do Arsenal, 60-2.º
LISBOA

FALAM SOBRE A COLOCAÇÃO DOS LIVROS PORTUGUESES No Brasil



É oportuno ouvir a opinião de alguns escritores nacionais sobre a posição do livro português no mercado brasileiro — precisamente no momento em que alguma legislação sobre a matéria está ali seguindo o seu curso legal para estudo e aprovação.

Problemas desta natureza, são de vida ou de morte para a cultura de um país. E nunca é demais cuidá-los, pois é inconcebível a existência de escritores sem um mercado suficientemente montado, capaz de absorver-lhes as produções. Ultrapassada, como foi, aquela situação em que, escrever livros, era uma coisa perecida com preitar e fotografar, a pesca, a equitação... Isto é, um desporto de gente endinheirada, impõe-se uma cuidadosa organização que evite a existência precária, ou, até, o desespero e o fuga daqueles que se lhe dedicam. Hoje, a actividade literária converteu-se numa profissão em todos os países civilizados, fazendo-se necessário dela cuidar, com consciência clara de que o «mercado das ideias» não é o que menor projecção tem no economie de um país. Quer dizer: na economia cultural.

João de Barros diz-nos:

Que penso da nova legislação que poderá vir a ser posta a vigorar, autorizando a entrada no

Brasil de traduções de livros estrangeiros para português feitas em Portugal e do novo acordo cambial com aquele país em que se sobe para 19 mil contos anuais, o contos anuais, o contingente de livros portugueses a importar pelo Brasil?

Respondo em três palavras apenas: — o melhor possível.



A reconquista do mercado livreiro brasileiro parece-me ser uma das tarefas importantes dos Editores portugueses. Claro que isso presuppõe um trabalho elementar e urgente, base do êxito daquela tarefa: a propaganda e difusão da Literatura Portuguesa no Brasil. Julgo, a despeito das boas vontades que se têm empenhado na campanha de estreitamento das relações culturais entre os dois países, que, neste aspecto, não tem sido seguida a melhor orientação.

Em dúvida que a notícia do aumento do contingente para a importação dos livros impressos em Portugal e em língua portuguesa (traduções e originais) provocou um arrefecimento na asfixiante atmosfera do livro português. Mas eu pergunto: a Literatura Portuguesa (as obras escritas pelos autores portugueses) beneficiará vantajosamente dessas medidas?

Surtem aqui dois problemas que representam interesses diversos:

- 1) — Problema dos Editores — estes pretendem evidentemente colocar o máximo da sua produção (traduções ou obras originais). Sem dúvida que lucram com a nova legislação.
- 2) — Problema dos Escritores — que sem apoio oficial, sem organização própria que os defenda, se vêem à mercê dos negociantes de livros. (Será necessário recordar que a maioria dos autores portugueses é editora de suas obras?). Não acredito que essas medidas tragam para eles um benefício substancial.

Por estas razões julgo importante a criação de uma Associação dos Escritores Portugueses, através da qual os Autores vejam os seus direitos defendidos, sem esquecer também os justos interesses dos Editores.

Em «REPÚBLICA» de 11 de Abril do ano passado escrevi um artigo apoiando a sugestão apresentada por Julião Quintinha na revista «VÉRTICE».

Dizia eu nessa altura:

«Esta é uma ideia em volta da qual todos os homens de letras devem cerrar fileiras, esquecendo as querelas de escolas e os preconceitos políticos e religiosos. Que o artigo de Julião Quintinha e as palavras entusiásticas que daqui lhe enviaram sejam o prelúdio de uma campanha que conduza à realização efectiva dessa ideia que — parece-nos — viria de certo modo resolver alguns dos problemas que tanto preocupam os homens de letras: a criação da Associação dos Escritores Portugueses.»

Os votos que faço é que esta ideia seja uma realidade num futuro breve.



Alexandre Cabral afirma:

Julgo importante a criação de uma Associação dos Escritores Portugueses, através da qual os Autores vejam os seus direitos defendidos.

poema

DE ORLANDO DA COSTA

Brenqueiam as núvens as núvens e as ilhas
Nos olhos que povoadam a solidão dos mares
E perto a terra escula-nos a hora
Na harmonia dos ventos e das dunas possuídas

Perto o canto humano se transfigura
E tome o rosto transparente das madrugada
Foragidas madrugada esperando a paz
Do rumor das águas ao longo dos litorais

Num rosto sereno e emanhado de beleza
Surgindo do convívio das chuvas e areias
Dos homens e dos filhos de outros homens
Das aves e das aves emigradas

O canto humano amedurece as bocas
E enquanto a terra nos escula a hora
Na harmonia da raiz e da fonte confundidas
Cumpra-se connosco na largura dos olhos sem fronteira.

(De «OS OLHOS SEM FRONTEIRA» a ser neste mês na Coleção «Cancioneiro Geral» — Centro Bibliográfico de Usbol)